

Setor de Orientação Educacional
Texto 01/2017

Amor que Sufoca

Ser mãe é assumir inúmeros papéis, dentre eles cuidar e proteger um ser a quem se ama eternamente, bem como educar para a vida. São deveres prazerosos e complicados, pois exige uma constante escolha que se deve fazer pelo outro e que implicará em seu futuro. Ser mãe também é errar, não por vontade, mas pela ansiedade em acertar.

Temos muitos estilos de mães, algumas são liberais, outras mais protetoras, mas há, ainda, as que são superprotetoras. Todas as mães devem gostar de cuidar de seu filho, de dar carinho, de passar momentos agradáveis junto com ele, de ajudá-lo e de amá-lo. Mas quando essas ações se tornam exageradas é que se estabelece a superproteção. Tudo o que é em excesso não faz bem, sendo assim, fazer tudo por uma criança e o cuidado demasiado por ela, o tempo todo, pode ser prejudicial em seu desenvolvimento.

Isso não significa que as mães devem parar de cuidar de seus filhos e deixá-los fazer tudo sozinhos. Além de um dever é uma necessidade que ambos possuem de cuidar e ser cuidado. Quem é mãe sabe o quanto é bom passar horas com sua prole e fazer agrados como alimentar, vestir, arrumar o cabelo, enfim, fazer tudo por ele. A criança também gosta e precisa de momentos assim para se sentir amada, nada disso é errado, não se for na medida certa. Torna-se um problema quando vira algo excessivo, ou seja, o amor dessa mãe é tanto que ela sufoca seu filho; nunca o deixa fazer algo sozinho, nunca o deixa brincar a vontade, ou seja, nunca dá liberdade e autonomia. Isso é superproteção.

Eis um erro materno realizado apenas pela necessidade que a mãe sente em proteger seu filho de diferentes problemas, reais ou imaginários, tais como, violência, sequestro e até uma simples queda durante a brincadeira. As justificativas para esse comportamento são diversas, desde o medo da violência, mostrada diariamente pela mídia, até questões voltadas à rotina conturbada das famílias de nossa sociedade. Algumas mães se sentem inseguras com tanta violência divulgada atualmente, o que torna mais difícil a liberdade da criança, bem como sua autonomia e desenvolvimento como um todo. As mães superprotetoras que temem pela segurança de seus filhos possuem dificuldades em deixar as crianças brincarem longe de seus olhares (...)

A autora Jessica Lahey escreveu em seu livro um pouco de sua experiência como mãe superprotetora e em relação à insegurança por conta da violência divulgada: "Nós trazemos uma criança linda e preciosa ao mundo e, após esses primeiros momentos de alegria, percebemos que nosso novo propósito de vida é proteger esse ser humano frágil de todo o mal. Além disso, se acreditarmos na mídia, que vive nos infligindo o medo, o dano será ainda maior. Sequestradores de bebês disfarçadas de enfermeiras, germes resistentes aos antibióticos, tiroteios em escolas(...)

"É claro que ficamos loucos de preocupação com nossos filhos" (LAHEY, 2015, p. 10). Com a fala de Lahey (2015) percebemos os pensamentos maternos diante de um mundo tão conturbado; no entanto, proteger é diferente de superproteger, pois na primeira circunstância, a criança fica segura e sente-se amada, mas quando recebe uma superproteção ela fica limitada e se sente sufocada. Há muitos prejuízos que essa ação maternal causa, no quesito desenvolvimento social, a criança superprotegida é, na maioria das vezes, mais tímida que as demais crianças, mais temerosa, menos ativa, menos curiosa e mais dependente.

Outra questão que infere na superproteção está relacionada às mudanças nos lares das famílias da sociedade capitalista. Atualmente as mulheres passaram a ganhar muito espaço no mercado de trabalho, o que exige ficar longe de seus filhos por um período. Muitas mães se sentem mal em ficar afastadas de seus pequenos, mesmo que por pouco tempo, com isso, procuram retratar essa falta fazendo tudo por eles.

Nas escolas é cada vez mais comum observarmos crianças dependentes e inseguras, sobretudo em famílias com um poder aquisitivo maior. Ao conversarmos com os pais, notamos que a maioria desses alunos possui mães superprotetoras que por trabalharem demais e não passarem o tempo que acreditam ser o bastante com seus filhos, tornam-se "as mãos e os braços" de suas crianças, ou seja, quando estão perto de seus filhos,

alimenta-os levando a colher a boca, sem deixarem ou ensinarem as crianças a se alimentarem sozinhas, vestem suas roupas e até compram tudo o que querem.

Essas ações podem parecer, para as mães, um modo de compensar a ausência com seus filhos, no entanto, isso prejudica a autonomia dos mesmos, principalmente na faixa entre os três e sete anos, idade em que começam a aprender a fazer algumas atividades sozinhos (comer, se vestir, fazer escolhas, entre outras).

A autonomia da criança, é um dos aspectos mais prejudicados pela superproteção das mães, tornando-as dependentes para realizarem qualquer tipo de atividade. De acordo com Piaget (1967), é a relação da criança com seu mundo que permite o desenvolvimento do sujeito autônomo e crítico. Em consonância, Castro (2006) acrescenta que esta relação também propicia o desenvolvimento da criatividade. Isso é possível porque ela precisa descobrir, por si, tudo que a rodeia, trata-se da experimentação, da tentativa e erro, da descoberta do que é bom e ruim, tomando consciência de seus atos.

Essas descobertas só são possíveis quando a criança é livre para brincar e interagir com o mundo e com as pessoas ao seu redor. Como brincadeiras e interações envolvem riscos como pular, se sujar, conversar com estranhos e discutir, as mães superprotetoras podem essas possibilidades, impedindo que seus filhos desenvolvam a autonomia.

Essas consequências vão além de aspectos sociais, interferindo nas condutas emocionais que levam a criança a lidar com suas emoções e reconhecer as dos outros, além de consequências nos aspectos cognitivos, visto que a autonomia envolve curiosidades e a falta destas prejudica a aprendizagem (CUBELLS, 1984).

Uma criança sem curiosidade não tem vontade de aprender, não busca saber sobre algo que lhe perguntam ou, simplesmente, lhe apresentam. Torna-se difícil encontrar atrativos para uma criança sem curiosidades, assuntos e ações que ela se atente e queira descobrir e saber mais, podendo ser uma consequência da impossibilidade de investigar o mundo pela superproteção que fora oferecido. A proteção materna é natural, no entanto, a superproteção que ocorre, sobretudo, nos primeiros anos de vida da criança e se estende até a adolescência, em alguns casos, sufoca a criança, podendo ser prejudicial em vários aspectos. A superproteção impede as ações infantis que são importantes para o desenvolvimento da criança.

Muitos estudos já são realizados em torno desta problemática, que apontam como algumas consequências da superproteção, alguns transtornos psiquiátricos, tais como, a esquizofrenia que é um transtorno mental que possui como sintomas típicos a alucinação e o delírio (PULL, 2005) e o transtorno de humor. Como exemplo, temos a pesquisa de Narita et al. (2010) desenvolvida no Japão, envolvendo adultos jovens que foram examinados com Instrumentos para Análise de Vínculo Parental (Parental Bonding Instrument PBI). Por meio desse estudo realizaram, também análise de neuroimagens, para verificar o volume de massa cinzenta da região dorsolateral na superfície externa do córtex pré-frontal. Nos resultados dessas análises, Narita et AL 2010) verificaram que os jovens que tiveram cuidados excessivos durante a infância (super proteção), apresentaram uma redução do volume de massa cinzenta. Isso significa que as crianças que crescem em um ambiente de superproteção, possuem uma velocidade reduzida no crescimento da estrutura do cérebro comparado a outras crianças, o que implica no desenvolvimento cognitivo do sujeito, podendo atrasar a aprendizagem. (...)

Geralmente, mães superprotetoras impedem que seus filhos subam, desçam corram, saiam de perto por alguns instantes e errem. Ações, estas, realizadas por tentativas que resultam em erros ou acertos e, assim, promovem aprendizagem e desenvolvimento, seja biológico (do cérebro, por exemplo), cognitivo, social ou em outros aspectos.

Sem essas tentativas, que podem resultar em quedas, erros e outros aspectos "negativos aos olhos das mães, a criança torna-se apática, sem atitudes, sem curiosidades e sem motivações para se arriscar e conquistar algo. (...)

Lythcott-Haimss (2016) revela algumas ações que mães superprotetoras devem atentar e fazer, para minimizar os cuidados excessivos, dentre os quais destaco:

a) fazer as atividades de seu filho, tais como reescrever textos, arrumar o quarto, resolver os problemas de matemática, dentre outros. A autora ressalta que ensinar é um dever, mas fazer por ele só atrapalha a aprendizagem;

b) deixá-lo ir; essa difícil tarefa deve ser realizada pelos pais, é preciso que as crianças vivam sua liberdade, frequentem lugares com outras crianças e tenham novas vivências. Não se preocupe tanto com as violências, a ponto de impedir que seu filho viva. (...)

A conversa com profissionais clínicos, como psicólogos, por exemplo, e com professores, também é importante, sobretudo em relação ao comportamento dessa criança em relação às outras. As docentes, principalmente as de Educação Infantil, possuem experiência e conhecimento sobre a autonomia das crianças até os seis anos, idade em que as mães mais superprotegem seus filhos. Sendo assim, podem informar à mãe o que seu filho precisa aprender a fazer sozinho, em que ele precisa de ajuda e como ajudá-lo, bem como informar o que ele já consegue realizar sem ajuda e as ações naturais da infância: subir descer, correr, se sujar, entre outras.

Por fim, devemos entender os anseios de uma mãe que ama seu filho e quer o melhor para ele. O julgamento em nada contribui, tanto ela quanto a criança, que também sofre com a insegurança. Devemos ajudar essa mãe sobre como buscar as orientações necessárias para educar seu filho ao mundo, sem torná-lo um sujeito inseguro e sem autonomia, mas sim, com amor e preparado em relação às diversas situações.

Por: Suzi Maria Nunes Cordeiro
Revista: "Psicologia" nº 36